

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 45

Data: 31 de Maio de 1973

Pg.: _____

Villas: o Japão também extingue minorias raciais

Da Sucursal de Campinas e do Correspondente em Belém

Os irmãos Cláudio e Orlando Villasboas voltaram do Japão com mais argumentos em favor da tese de que a mudança de status de uma sociedade primitiva deve ser processada lentamente, para não prejudicá-la, e não de modo acelerado, como se pretende fazer com o indígena brasileiro. Do que observaram no Japão, concluíram que a rápida ocidentalização traz um avanço tecnológico com o mesmo espírito de uma cruzada medieval, com igual fanatismo, em busca de um progresso altamente sofisticado, desnecessário em alguns aspectos, e desumano, ao lado da marginalização das minorias raciais.

Cláudio e Orlando desembarcaram ontem, em Viracopos. Orlando disse que não puderam conhecer a forma de vida dos "Ainos" e outras colônias de nativos, todas situadas ao norte do Japão. "Não tivemos oportunidade de entrar em contato com o que resta de agrupamentos raciais japoneses primitivos". Notaram que a maior preocupação das autoridades japonesas encarregadas do turismo é encaminhar o visitante estrangeiro para os grandes centros industriais das principais cidades.

Contudo, em Hong Kong os dois sertanistas puderam reforçar suas convicções. Orlando explicou: "Quando chegamos a Hong Kong, deparamos com o choque provocado pelos requintes do processo: duas classes sociais distintas dividem a cidade em camadas de excessivas riquezas ou miséria". Em sua opinião, isso poderá acontecer no Brasil, se permanecer a filosofia de investimentos em pontos distantes, "criando oasis de civilização, porque copiar dos outros não significa desenvolver; é macaquice mesmo".

COLABORAÇÃO

A excursão dos sertanistas durou 26 dias e cobriu o Japão, Havaí, Hong Kong e São Francisco. Regressaram demonstrando disposição em colaborar com a Funai e prometendo voltar ao Parque Nacio-

nal do Xingu dentro de cinco dias, "para saber como estão os postos de atração".

No Japão, Cláudio e Orlando falaram sobre a política brasileira de integração acelerada do índio durante a inauguração, em Tóquio, de uma exposição do pintor Tabata, retratando o indígena brasileiro. Orlando lamentou não ter conseguido participar de um congresso de antropologia, encerrado em Tóquio no dia em que chegaram. "Seria a única ocasião, durante a viagem, de sentir a opinião de especialistas do Exterior sobre o problema do índio no Brasil" — afirmou.

ISOLAMENTO

Na palestra que pronunciaram em Tóquio, os sertanistas condenaram a política indigenista brasileira. E, ao desembarcar, Orlando insistiu em que "o índio brasileiro terá que ser isolado da avalanche de tentativas, para não sofrer as consequências que fatalmente o levarão à extinção". Afirmou que aculturar o indígena nas atuais condições de crescimento do país "é promover sua desintegração, porque ele não tem lugar na fase de desenvolvimento que o Brasil atravessa". Cláudio entende que esse foi o grande erro do Marechal Rondon, no início de suas expedições, julgando que a miscigenação racial fosse solução para integrar o índio.

"Se o nativo não for isolado — advertiu — recebendo gradativamente, em grupos homogêneos, todos os costumes da civilização, ele ficará eternamente exposto aos vícios, doenças, e vítima de uma aculturação mal orientada". E salientou: "Na União Soviética, 152 nacionalidades convivem dessa forma e recebem as inovações naturalmente, para se ambientar. Por que o Brasil não pode agir da mesma forma?".

Na opinião de Cláudio, as autoridades precisam entender a Funai como um órgão de luta, destinado a recolher os índios e prestar-lhes toda a assistência necessária. "Mesmo assim — observou — ela não age de forma desonesta; apenas adota uma conduta que consideramos errada e contrária às condições naturais de integração do indígena".

Meireles discorda

"A melhor política a ser adotada em relação aos índios é, exatamente, tentar integrá-los à sociedade, já que cada dia se torna mais impossível isolá-los totalmente. Minha divergência com os Villasboas, neste ponto, é apenas teórica, porque mantemos boas relações de amizade" — declarou ontem, em Belém, o sertanista Francisco Meireles.

Afirmou que o índio, quando entra em contato com qualquer forma de civilização — objetos de trabalho, inclusive — não quer mais retornar ao seu primitivismo. "Dá porque é preciso orientá-lo, principalmente em seu trabalho, para que ele produza melhor".

Francisco Meireles acentuou que a Funai tenta criar as condições básicas para que o índio possa melhorar seu modo de vida. Explicou: "Ora, o índio gosta de lanterna, mas não podemos dar lanternas a todos. O que devemos fazer é orientar o seu trabalho para que ele tenha condições de comprar o instrumento".

O sertanista disse que não haverá problemas com seu filho, que está substituindo os Villasboas na atração dos krinhacares. Assegurou que o trabalho prosseguirá normalmente, "pois Apoena é muito conhecido e estimado entre os indígenas, tanto que os cmtalargas sentiram bastante sua saída". Francisco Meireles viajou ontem para o Território do Amapá. Durante dez dias visitará locais onde a Funai está instalando bases com vi-

tas à abertura da Perimetral-Norte. Informou que, por enquanto, apenas se instalam os postos para receber as frentes de contato; essas deverão operar na área onde passará a rodovia a partir de julho.

Cruz Vermelha atende índios

A Cruz Vermelha Internacional aplicará, durante cinco anos, a soma de 2.310.690 francos suíços num plano de assistência a cerca de seis mil índios das regiões do baixo Amazonas e dos rios Madeira, Juruá, Purus e Solimões. O programa a ser desenvolvido visa ao atendimento médico, com prioridade para as atividades preventivas e curativas e educação sanitária, segundo informações prestadas em Brasília pela Funai.

Os entendimentos com a organização começaram em 1971 e foram concluídos na semana passada, em Genebra, quando lá esteve o general Bandeira de Mello, presidente da Funai, a fim de participar de reunião da comissão da Cruz Vermelha para a Amazônia.

No trabalho que desenvolverá na Amazônia, a equipe da Cruz Vermelha empregará três médicos, três enfermeiros, três auxiliares de enfermagem; um piloto de avião; dois de barcos; e três rádio-operadores. O grupo indígena mais importante a ser assistido na região é o dos mawes, com cerca de 1.500 indivíduos, que vive em permanente contato com sertanistas.